

O Rap como voz política na escola

Marcelo Ferreira Lima
ETEC José Rocha Mendes

Resumo

O trabalho iniciou no primeiro semestre de 2018 com o 2º ano do curso de ADM (Administração) do ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Médio), da ETEC (Escola Técnica Estadual José Rocha Mendes). A partir da retomada do ano anterior e o PC (Plano de Curso) decidi tematizar a dança. Num primeiro momento os grupos puderam decidir que dança iam registrar suas representações, e, conseqüentemente, suas pesquisas e apresentações. Com os registros em mãos organizei o início dos seminários. No decorrer das apresentações um estagiário acompanhou as aulas. Ao longo das apresentações fiz registros de palavras chave para posteriormente ampliar e aprofundar em uma dança específica. Ao final destas, a partir de certas manifestações atuais decidi pelo RAP. Neste momento, organizando como iria fazer o mapeamento, o estagiário se posicionou e organizamos as palestras com ele e um “parceiro” do RAP. Enquanto isso levei letras do grupo de RAP Racionais MC’S por conta dos registros das representações e debates em sala de aula. Outros registros foram feitos sobre os debates em sala de aula. Interpretação e produção de letras foram feitas ao longo das aulas. Dando continuidade, o estagiário, que é skatista profissional e seu “parceiro” de ações sociais que é MC, Rapper e Poeta, vieram a escola para apresentar e amplificar as vozes. Depois das falas, tanto dos estudantes quanto dos palestrantes, alguns alunos produziram suas batalhas a partir dos temas que a própria sala propôs. No fim dessas apresentações alguns alunos puderam trocar ideias com os palestrantes. A partir das interferências, dos debates, das vozes amplificadas e das práticas, pode-se afirmar que houve diversas possibilidades de conhecimento sobre o tema RAP.

Palavras Chave: Currículo Cultural; rap; dança; resistência; vozes amplificadas

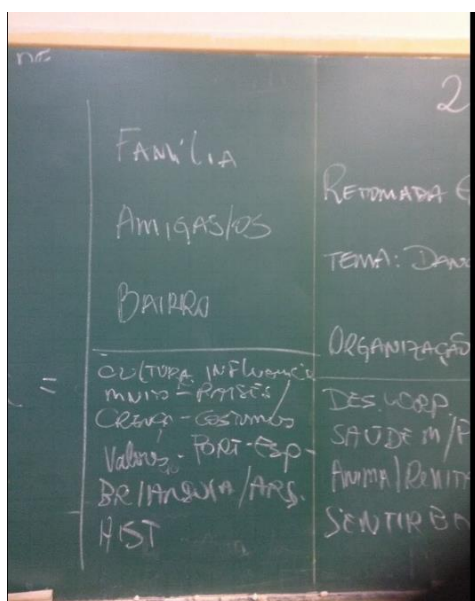
Ligando o Som

A decisão de trabalhar com dança nesse semestre se deu a partir da leitura dos documentos que regem o PC (Plano de Curso) do ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Médio) do curso de ADM (Administração) com o 2º ano. Fiz uma leitura do ano anterior (1º ano) onde trabalhamos com a dança. Neste caso com o funk.

Como no primeiro ano fizemos os registros sobre o reconhecimento de diversas danças, neste ano e neste semestre decidi que as/os estudantes conversassem sobre outros exemplos de dança e registrassem suas representações em folhas de caderno.

Solicitei que os grupos se manifestassem para registrar, de uma forma sintética, na lousa para iniciarmos nossas falas. Então no primeiro mapeamento surgiu:

Imagem 1 – Primeiros registros sobre locais e influências das danças

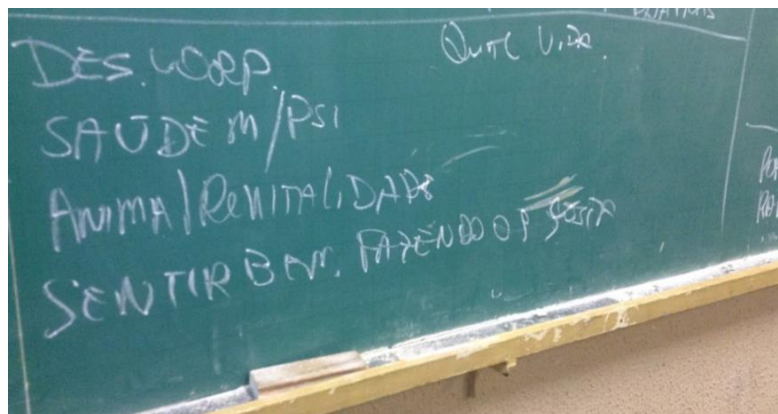


Nesse primeiro registro fica destacado que a cultura influência e muito na questão da prática corporal do dançar. Que países com suas crenças tem impacto direto com a dança. Países como Brasil, Argentina, Angola, Portugal e Espanha também foram citados e o processo histórico de cada um também. Isso, neste momento, indica, temporariamente, que as/os estudantes têm de representações iniciais sobre o dançar. Indicam que um sistema complexo de relações influencia tanto para a prática existir como para controla-la e/ou tentar extingui-la.

Outro registro se desenvolveu na questão dos possíveis impactos que a dança traz para quem a pratica. Neste, aspectos como: desenvolvimento corporal, saúde mental e psicológica, animação, rentabilidade, se sentir bem fazendo o que gosta e a qualidade de vida foram destaques.

Com isso, os grupos já organizados, as/os estudantes começaram a pensar em um tipo de dança para iniciar a pesquisa. Neste momento coloquei para a turma escolherem uma vivência do dançar que se aproximasse mais com

Imagem 2 – Alguns impactos da prática

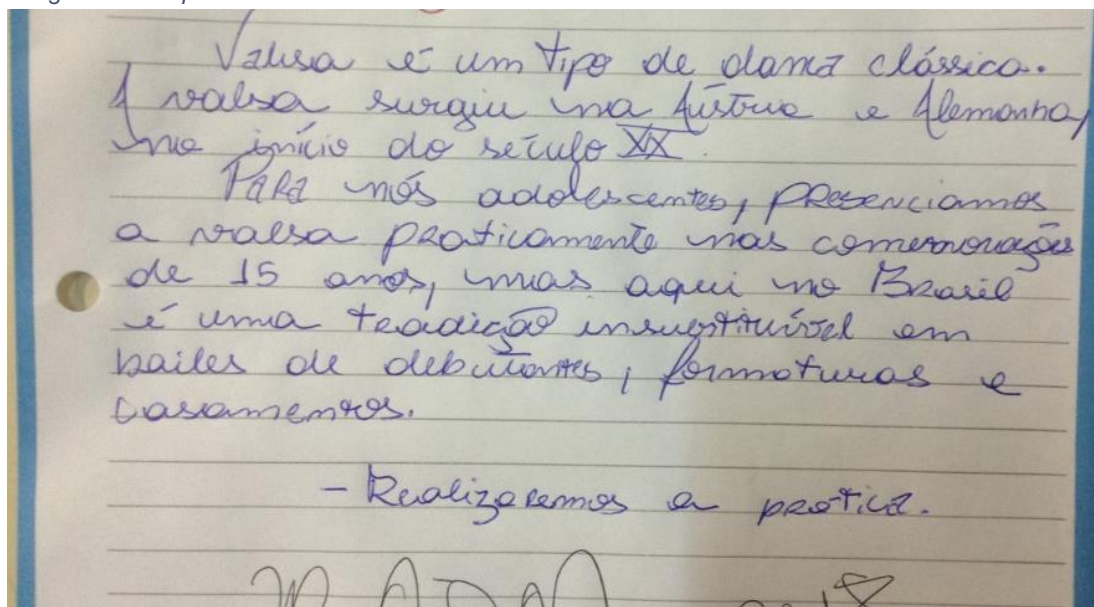


suas realidades para que depois ampliássemos e aprofundássemos em uma determinada prática corporal de dança. Então os grupos se manifestaram inserindo suas decisões sobre a prática: axé, pop, valsa, rap, samba, trap, forró, e sertanejo raiz.

Com esta tomada os grupos foram para a pesquisa e se organizaram para as apresentações. Reforcei que o tempo não seria um fator que limitasse qualquer apresentação. É relevante dizer que esta sala participa muito no que diz respeito a se posicionar e debater sobre assuntos mais contemporâneos.

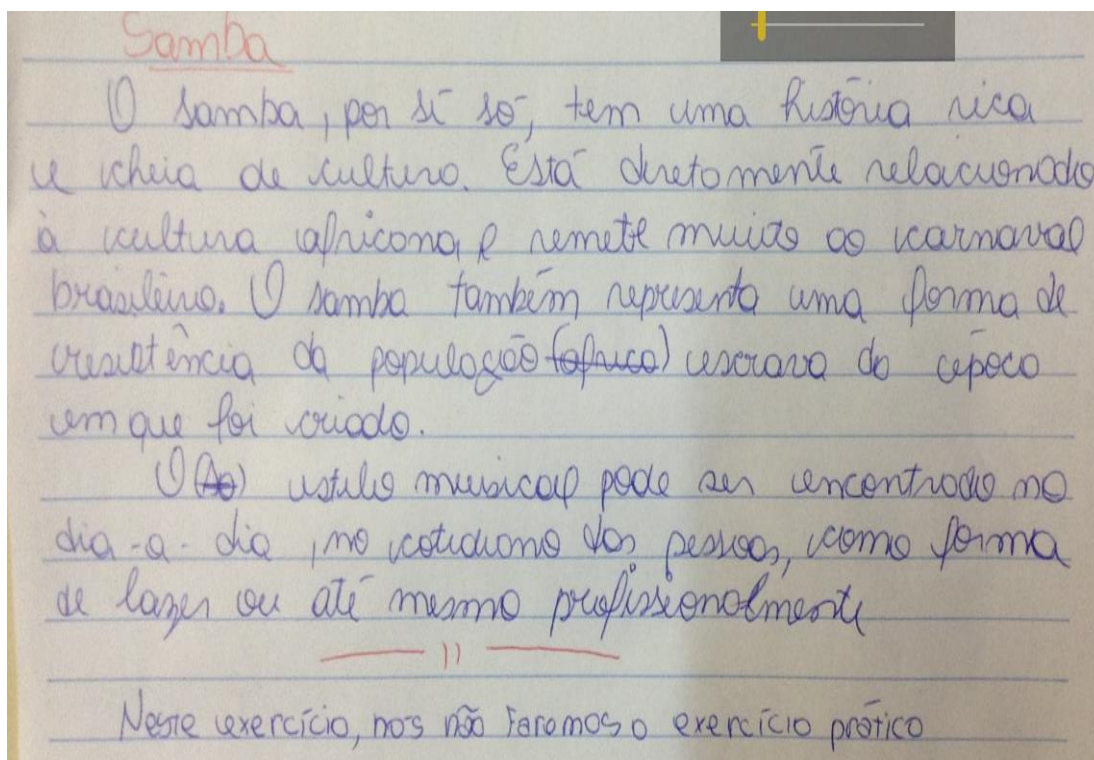
Abaixo alguns registros sobre o que cada grupo registrou suas representações sobre as práticas corporais da dança.

Imagem 3 – Grupo da valsa



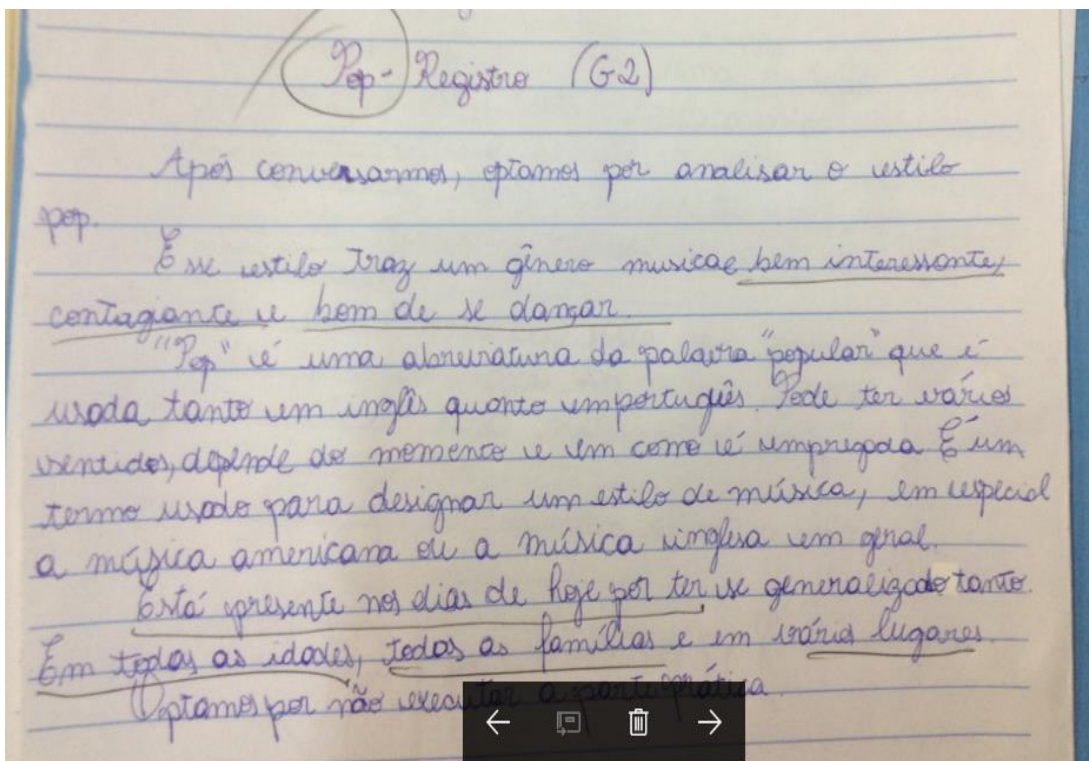
Este grupo se posicionou a favor desta prática e registrou em sala que um de seus integrantes dança nos bailes.

Imagem 4 - Sobre o Samba



Este grupo registrou a relação com o continente africano e a relação com o Brasil. Também se posicionou com a questão política, de resistência e questões como lazer e rendimento profissional.

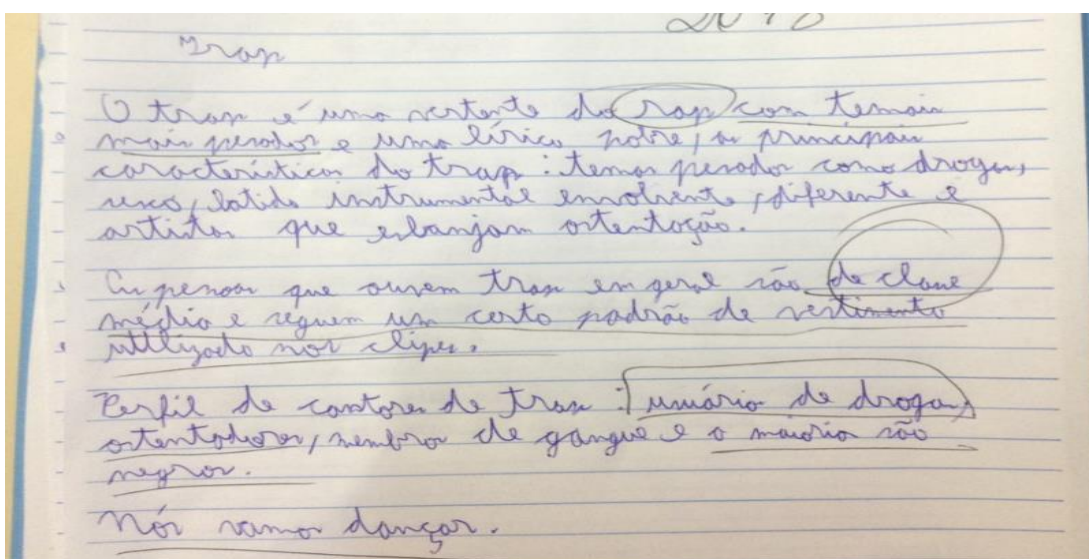
Imagem 5 - Sobre o POP



Este grupo salientou que o POP é contemporâneo e que está presente em uma boa parte dos momentos familiares e em outros locais com certa facilidade.

Também registrou que além de ser contagiante também é prazeroso de se dançar.

Imagem 6 - O TRAP



Este grupo trouxe algo que incomodou a sala. O TRAP, novo estilo do RAP e HIP-HOP, traz nas letras e nos gestos, relações complexas sobre o uso de drogas, ostentação e questões de etnia.

Imagem 7 - Sertanejo

• Geralmente, os sertanejos é um gênero feito para pessoas que estão sofrendo pelo amor;

• Os movimentos são feitos por um casal, que dança junto, como se estivessem apaixonados;

• Além disso, este gênero também pode contar uma história;

• O sertanejo raiz também pode dizer uma história que se passava na vida do cantor originalmente;

• Ele também é utilizado em apresentações escolares, por ser um estilo brasileiro, que pode mostrar muito além do que a letra diz.

• O sertanejo raiz é, geralmente, voltado para as pessoas que vivem no interior (pelos conteúdos das letras), enquanto o universitário, pode ser apreciado por todos os grupos.

Este grupo trouxe a questão da utilização do sentimento para compor as letras e os gestos nas danças. Além disso, em relação ao sentimento, na maioria das vezes conta uma determinada história de uma ou mais pessoas. Também trouxe a representação de que o sertanejo raiz é mais localizado no interior e o universitário é mais expandido.

Imagem 8 - Axé

Axé 2º ADM

Inicialmente o Axé era uma dança ligada às religiões afro descendentes, porém conforme foi se popularizando passou a ser um elemento cultural, e agora, na sua maioria, ela é voltada ao entretenimento.

Normalmente o Axé é mais popular nas regiões de Norte e Nordeste do Brasil, e durante o Carnaval é um dos ritmos mais requisitados, justamente por trazer um ritmo mais animado. Como por exemplo, os blocos, os blocos elétricos, e as casas nordestinas.

Para facilitar a movimentação, o vestuário geralmente são roupas leves, coloridas e acionáveis vibrantes. Já nas apresentações mais tradicionais dessa dança, é utilizado roupas brancas, com turbantes e colares representando os orixás, trazendo de volta os aspectos religiosos.

→ A parte prática da dança não está feita.

O grupo trouxe a representação religiosa e a relação afrodescendente em seu início. Hoje, perante a representação do grupo, está voltada para o entretenimento. Também indicou determinadas localidades onde se pratica a dança. Além disso, registraram alguns acessórios, como as roupas, que são utilizados com mais frequência nesta manifestação.

Imagem 9 - O RAP

RAP
É um gênero musical urbano. O nome R.A.P. é uma sigla que vem do inglês "Rhythm and Poetry", da Português (BR) "Ritmo e Poesia". Desde seu início, sempre foi uma forma de representatividade originalmente derivado da Hip-Hop. Muito marcada por ritmos e métrica. O RAP é marcado como meio de expressão, em maior parte, do Periférico. Absolutamente, ainda que (H) tenha surgido como meio de expressão do periferico, o R.A.P. se tornou um gênero mais abrangente entre classes sociais, tendo mesmo assim conservado suas principais características e melhora.

Obs.: Não furem a Bateria.

O grupo que trouxe o RAP em seu registro trouxe questões atuais. Como em alguns acima citados, trouxe a localidade. Também citou que a expressão é uma marca forte do RAP. Indicou que determinada classe social o RAP é mais "tocado".

Imagem 10 - Forró

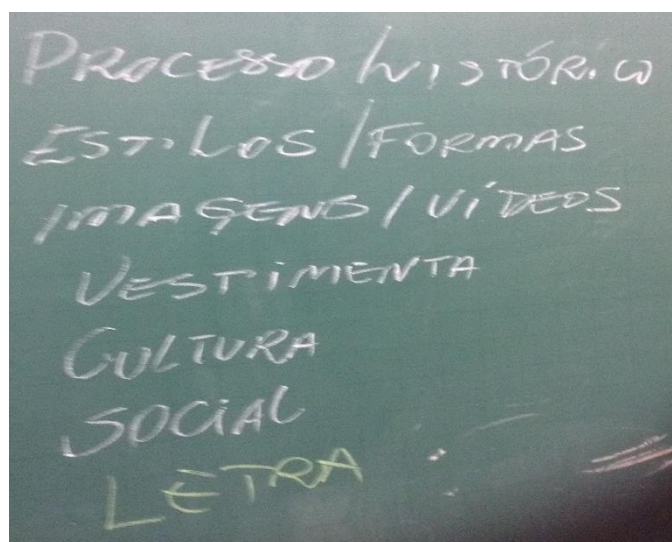
Forró
Este gênero com o tempo se tornou abp. bastante comum e muito ouvido pelas pessoas, principalmente pelo fato de que a batida do forró é um ritmo envolvente para dançar, além de muitas letras deste estilo mostra a realidade de muitas pessoas que sofrem por amor, ou estão até mesmo apaixonadas, e o interessante deste estilo é que ele trata tanto a decepção quanto a felicidade, com a mesma alegria e euforia.

O grupo trouxe uma representação histórica e também salientou que o ritmo é muito envolvente. Registrou que algumas letras apresentam certas realidades das pessoas em relação aos sentimentos.

Outros passos

Ao fazer a leitura inicial ficou claro certas representações. As danças representadas neste primeiro momento, registradas pelas/os estudantes, indicaram: sentimentos; resistências; religião; influências familiares; influências locais; certos impactos sobre a prática. Com isso, solicitei aos grupos que durante a pesquisa, para a apresentação, focassem nessas manifestações.

Imagem 11 - As pesquisas



Iniciamos as apresentações na semana seguinte. Como não impus ordem de apresentação nem tempo os grupos se organizaram e iniciaram suas apresentações. Trouxeram nas pesquisas as questões debatidas e registradas inicialmente. Alguns desses grupos dançaram na sala como forma de demonstração.

Quando o grupo de RAP, último grupo, apresentou, já no meu mapeamento sobre as representações e apresentações, devidamente registradas, já estava analisando a questão do RAP. Assim que a discussão foi para o vestibular da Universidade de Campinas (Unicamp), decidi ir para a o RAP.

Neste momento um estagiário me acompanhava na aula e na apresentação. Conversando após a aula disse a ele que ia tematizar o RAP devido as manifestações em sala de aula. Como ele era da região perguntei se ele conhecia algum Rapper para vir na escola falar sobre o tema e “bater um papo” com a turma. De prontidão o estagiário já se manifestou dizendo que fazia parte de um projeto social que tinha o foco em manifestações do RAP – Hip-Hop e Skate. Que também conhecia um rapper da região que é vizinho dele.

Logo ele entrou em contato com o vizinho rapper e organizamos a visita a escola para as vivências e apresentações. Fui a direção para solicitar as devidas autorizações e solicitações.

Cantando, rimando, interpretando ...

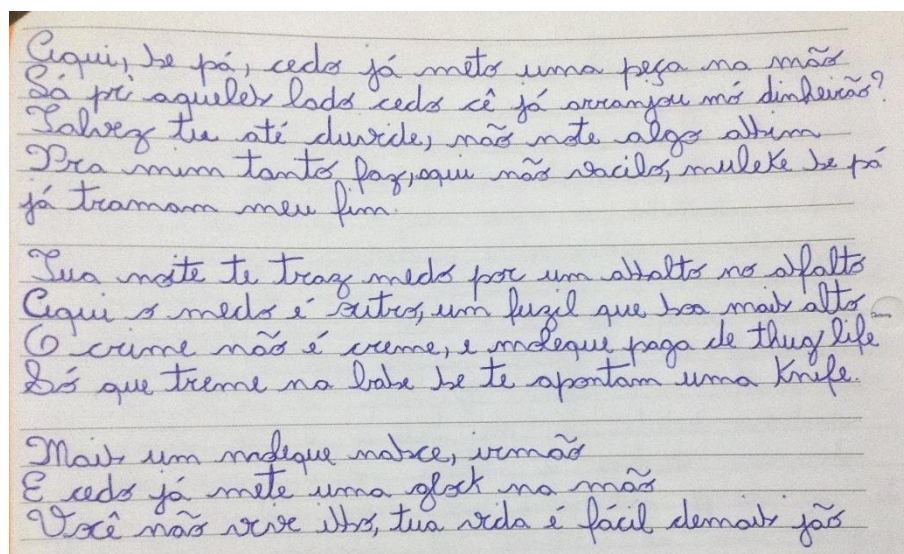
Na aula seguinte solicitei que as/os estudantes fizessem seus registros sobre o RAP e que pensassem e registrassem em três ou mais parágrafos uma rima ou letra sobre alguma situação particular ou de cunho coletivo. Além disso, levei 6 letras diferentes do grupo de RAP Racionais MC'S. Solicitei a leitura e a possibilidade de interpretação das letras. Após a interpretação cada grupo produziria sua letra conforme sua leitura de mundo sobre qualquer aspecto.

Referente as letras das músicas do grupo de RAP Racionais MC'S a questão da religiosidade foi muito destacada. Um grupo, no seu entendimento, criticou o uso da religião para justificar certos crimes ou uso de drogas e armas. Outros grupos preferiram ou entenderam que era um resumo das letras.

Teve grupo que entendeu a questão da religião, nas letras, como forma de proteção ao caos social que determinadas periferias estão inseridas. Nesta visão o grupo defendeu seu ponto de vista a partir da ausência do poder público na região e que a religião talvez seja o único ponto de fuga ou resistência ao peso da desigualdade.

Uma das letras trouxe a questão das divisões de classe como mostra a imagem abaixo.

Imagem 12 - Letra produzido pelas/os estudantes



Nesta é possível identificar certa ideia sobre as diferenças das lasses sociais existentes. O grupo trouxe a vida de uma forma difícil e sem qualquer perspectiva comparando com quem a crítica e está de certa forma confortável.

Outras letras foram pelo caminho religioso. Como os demais, este grupo se posicionou com a crítica com a mídia, questões de inclusão e emoção.

Outra letra chamou atenção para uma questão complexa, a questão do racismo. Enquanto o grupo pensava e produzia sua letra fui chamado para dar sugestão. O grupo apresentou o samba na primeira parte e sustentava a questão dos negros com muita resistência, e, questionaram a possibilidade de falar sobre. Disse que sim, que todos os grupos poderiam falar sobre seus incômodos nas letras. Que poderia ser sobre qualquer assunto que lhes fossem pertinentes. Questionei. Quantos negros e negras tem aqui na escola? Quantas professoras/es negros e negras tem na escola? Quantos passam no vestibular? Se são a maioria, onde estão? O que estão fazendo? Porque? Então o grupo produziu.

Nesta letra é possível identificar que o grupo pensa sobre certas forças e certos grupos nos ambientes escolares. O "passar no vestibular" não significa libertação ou

Imagem 13 - Religião, emoção e mídia

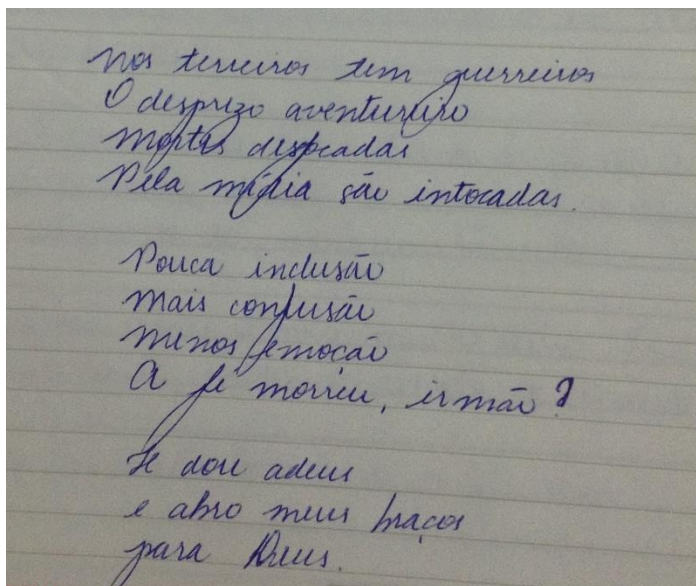
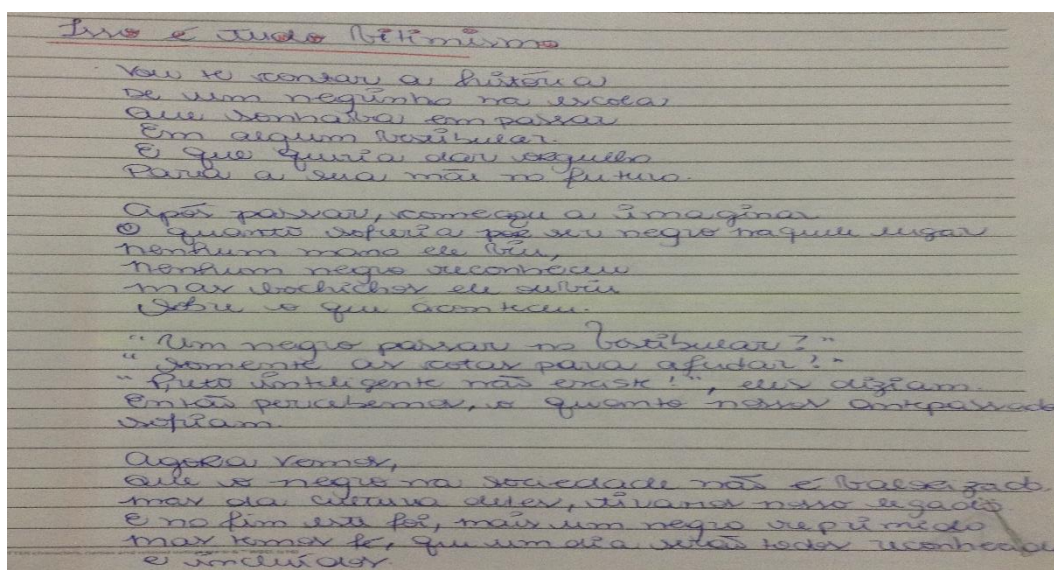


Imagem 14 - Letra sobre a/o negra/o na escola



passagem para um outro nível. O recado vai muito além. Denuncia, pela representação, forças que tencionam a todo momento a diminuição da/o negra/o nos espaços educacionais.

Após a entrega das letras e das interpretações das letras do grupo de RAP Racionais MC'S, o estagiário junto com seu "parceiro" rapper foram a escola apresentar seu trabalho.

Solicitei a sala que conversassem, questionassem o que incomodava nas questões que o RAP trazia. Uma situação foi interessante, que eu não mapeei e surgiu em conversas nos corredores, as "BATALHAS DE RAP" estavam acontecendo em alguns horários na escola. Neste primeiro momento apenas alunos estavam se movimentando para tal.

Na batalha, na rima, nas ideias, nos posicionamentos ...

É importante relatar que a presença do estagiário e de seu parceiro rapper precisou de um planejamento. Solicitação da autorização da direção e orientação escolar. Justificativa para a palestra e vivência. Mapeamento dos locais onde haveria a palestra e a parte prática, alimentação e duração.

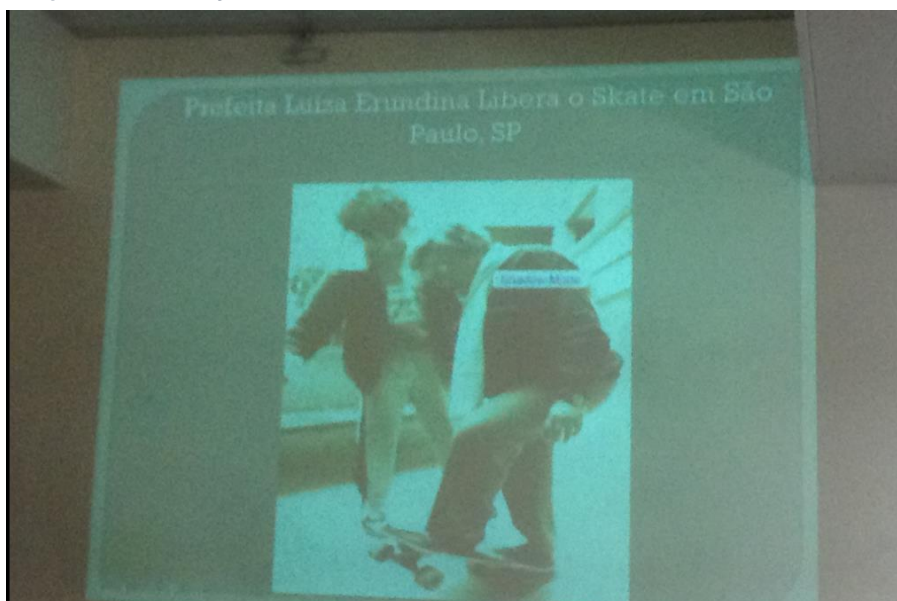
Iniciamos com as apresentações. O estagiário, que é profissional da prática de Skate e Surf, trouxe na apresentação a preocupação com as "resistências" desta prática fazendo referência com o RAP. Trouxe informações relevantes sobre o processo histórico e sua vida como profissional.

Imagem 15 - Palestra sobre o Skate relacionado com RAP



Num determinado momento da apresentação o profissional apresentou determinadas formas de preconceito sobre o praticante de skate e a luta por visibilidade nos espaços. Contou sobre o processo histórico de um determinado contexto onde a então prefeita Luiza Erundina foi determinante para a ampliação e visibilidade / legalidade da pratica em questão.

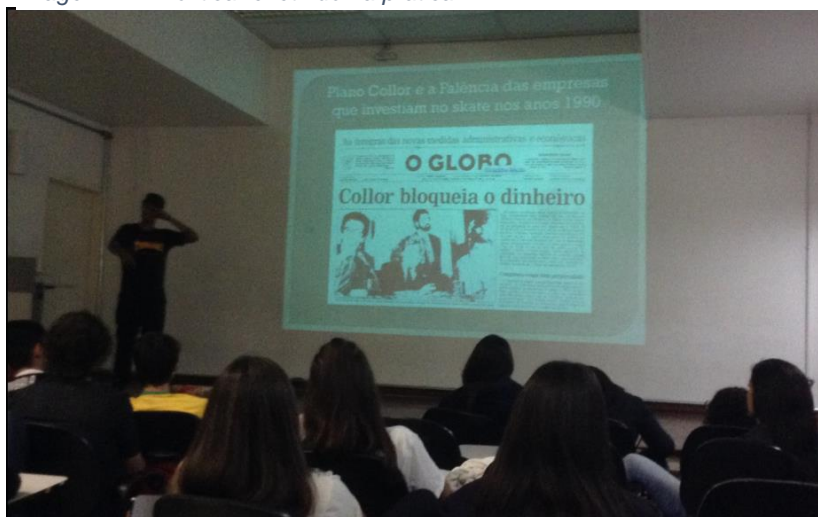
Imagem 16 - Liberação do Skate na Cidade de São Paulo



Também apresentou sobre um determinado processo político no Brasil. Neste contexto trouxe um momento que o país vivia bem complexo e que afetou a prática do skate.

Imagem 17 - Política refletindo na prática

Alguns estudantes questionaram sobre valores, locais de prática e estilo. O palestrante respondeu as curiosidades e também o “susto” sobre as proibições da prática.

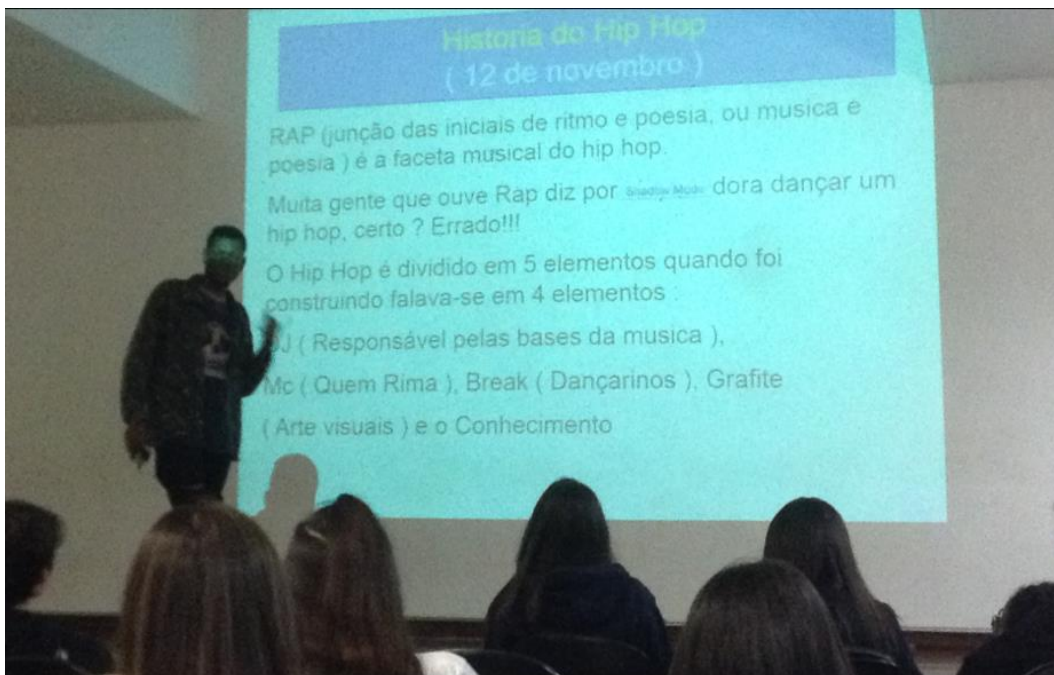


Depois disso, o rapper iniciou sua apresentação. Antes da apresentação dele é importante dizer que solicitei, momentos antes da apresentação, que ele explorasse sua vivência. Isso se deu pelo fato de que os grupos já tinham pesquisado e apresentado o processo histórico e tipos de RAP.

Então reorganizamos as falas e o tempo de cada um para não “perder” aquele momento. Ainda não sabia se eles poderiam retornar à escola para futuras apresentações.

Além disso, como o mapeamento interno, perto das entregas de menções e diversas apresentações da escola, ficaria difícil uma nova visita nas semanas seguintes ou em outros dias e horários.

Imagem 18 - início da palestra do rapper



Identificado como. Ale, que é rapper, MC e poeta, iniciou sua palestra com um pequeno resumo do RAP e relação com o HIP-HOP. Falou sobre a militância dele e os locais que ele faz suas batalhas de RAP e Hip-hop. Disse que o Rap e Hip-Hop veio para dar voz e identidade para o povo e autoestima. Falou do negro em locais de destaque e poucos negros nesse espaço.

Disse também que o RAP ensina a se posicionar, a falar com as pessoas e seu raciocínio, pelas batalhas, fica bem mais rápido. **“Quem improvisa sabe lidar com qualquer situação”**.

Em seguida mostrou a página na rede social (facebook). Também registrou que o grupo fez a primeira batalha Feminina da Zona Leste. **“O RAP hoje é inclusão, o Rap está salvando vidas”**. **“Para você ser um bom MC tem que ler muito tem que estudar muito”**. **“RAP é conhecimento. Quanto mais você lê mais argumento você vai ter”**. Falou também de uma praça que um espaço da SABESP na zona leste,

Parque Zilda Arns - Av. Sapopemba esquina com Juiz de Fora Vila Ema onde tem espaço para as batalhas e composições.

Disse também que o espaço estava abandonado e que o grupo foi, ocupou o espaço e fazem todas as sextas, poesias e batalhas e quem estivesse interessado poderia ir praticar e somar. Tem sarau e biblioteca que pode ser utilizada e também recebem doações e trocas chamado de "GeladeiraTeca", é uma geladeira que guardam os livros.

Depois disso, fez uma poesia de crítica política fazendo rima com o Hino Nacional "Poesia da Intolerância". Reforçou a militância para um país mais justo e dos projetos que acontecem na zona leste.

Convidou as/os alunas/os para produzirem naquele momento suas batalhas. A sala indicou algumas pessoas. Seis meninos, depois de certa insistência da sala, foram ao palco e se organizaram para as batalhas. O MC disse que a batalha seria produzida a partir de temas que a própria sala indicasse, e, que ganhava a partir dos aplausos, mas que aquilo não era uma competição para saber quem era melhor ou pior e sim amplificação do conhecimento.

Como os meninos que sempre estavam nas batalhas nos horários da escola estavam com certa timidez, o skatista foi ao palco fazer uma batalha com o MC. Então os temas foram surgindo das/os alunas/os.

Mas antes disso, o MC e o skatista profissional distribuíram jornais com recortes de um assassinato de um jovem. Era um skatista que também fazia parte do grupo social. Dois alunos que moram na região também comentaram sobre isso, eles conheciam a história.

O MC relatou outra ação, o preconceito das pessoas, principalmente dos/as amigos/as e da família. Disse que foi difícil, e ainda é, a família aceitar que ele é cantor, poeta e MC. Também reforçou que apesar do RAP ser contra o preconceito ainda faz o mesmo, ou seja, marca território na disputa pelo poder e limita quem pode e quem não pode ser do RAP. Um aluno citou um filme do Rapper Eminem e outros

O MC disse também sobre valores para gravação. "**O MC para gravar um som é muito caro mano vai gastar mais ou menos 600 a 700 reais e um moleque de 15 anos da periferia não te isso**" Falou que os MC'S começam com vídeos caseiros e também nas participações dos eventos de batalha. Quando iniciam pegam "**as bases**" do youtube mesmo e mandam o no vocal". Por isso eles fazem esses

eventos para dar oportunidade aos jovens de periferia que não tem essas oportunidades.

Relatou sobre o grafite a partir de um questionamento de uma aluna. Relatou o processo histórico nos EUA, mas também disse que qualquer formato de manifestação, como a pichação, é considerado grafite/arte por conta da sua forma de expressão. **“As crianças quando riscam as paredes estão fazendo grafite”**. Falou dos três tipos de desenho e escrita. O “BOMB” com letras redondas, o wildstyle que é difícil de entender, só vai entender porque ao final do grafite fica registrado o que está escrito, e, o extenso que é bem realista. Falou de grafiteiros como os “Gêmeos e o Cobra” que ganham até 300.000,00 reais pela arte, e, que alguns alunos conhecem. Também relatou certa violência institucional para quem faz o grafite.

O MC também disse que existem pessoas que não tem facilidade de se expressar falando, mas com o desenho / grafite podem expor determinadas manifestações, desejos ou críticas.

Sobre uma questão de um aluno. **Sobre a dança como o é feita no RAP?** O MC se posicionou falando que é bem difícil no RAP a questão da dança, mas há batalhas de dança, como (Breaking). Também falo sobre a organização mundial ZULU de HIP-HOP e de alguns ícones brasileiros como Nelson Triunfo, MV BILL e Thaíde e DJ Um. Fez uma relação com uma rede de TV que era resistente ao funk, mas agora não para de passar em suas programações.

Ainda sobre a dança falou do “BOOM BAP”, com batidas mais leves; da TRAP (que já tinha sido trabalhado em sala de aula) **“que não tem uma pegada de manifestação, é mais um som de lazer do que manifestar”**.

Que comecem as batalhas ...

Imagem 19 - As batalhas e seus temas



Ao convidarem os alunos e alunas, um grupo se manifestou e subiu. Organizaram o espaço e o primeiro tem veio, Feminismo, em seguida a questão do uso de drogas. Este momento foi bem marcante para os estudantes, tanto para quem participou da batalha quanto para quem assistiu.

O MC também alertou os estudantes sobre um projeto da Prefeitura de São Paulo chamado VAI (<http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/2323/>) e incentivou os estudantes a acessarem para futuros projetos de cultura.

Em síntese

Longe de ter tido um fim, as possibilidades foram relevantes para o processo de ensino e aprendizagem de todos. No que diz respeito aos princípios pode-se ter a noção da amplificação das vozes e das representações diversas das/os estudantes em relação ao RAP. Extrapolou-se, sem desconsiderar outros aspectos, visões que, de certa forma, transmitem visões limitadoras sobre a vivência da dança. Pode-se ter outras lentes para a prática do RAP e suas autoras e seus atores. Com isso, o posicionamento político, tanto dos estudantes quanto dos palestrantes, foi destaque por conta de se posicionarem em relação as injustiças cometidas nas relações de poder tanto nos registros em sala de aula quanto nas apresentações.

Tais possibilidades foram concebidas por diversas oportunidades. Num momento a leitura atenta dos documentos da escola, que possibilitam os trabalhos; uma visão ou contato com pessoas da comunidade que possam auxiliar no processo educacional; a pesquisa, tanto na escola quanto fora; as vivências e vozes dos estudantes em relação a prática tematizada; as problematizações sobre processos de acesso e permanência dos grupos minoritários nas instituições de ensino e a amplificação e profundidade que foram os debates e apresentações diversas.

Outra questão foi o registro. Esta ação possibilitou todo o processo e possibilitará tantos outros. Por este, foi possível identificar as mais diversas possibilidades de problematização; também foi possível todo o processo de ida dos palestrantes e as problemáticas abordadas; pode-se ampliar o universo do Outro como pessoa, e, assim, reconhece-los como produtores de conhecimento.

Como dito, longe de um fim, a tarefa está apenas começando e terá outros caminhos pela frente para aulas mais justas a todos.